

QUADRO PERFEITO

Ann Campshure

Logo depois da cidade, já fazendo parte do cenário do campo, vê-se uma antiga roda de vagão de trem encostada a um pilar prestes a apodrecer. O mato ameaça tomar conta das flores silvestres que crescem perto de sua base. No topo do pilar, há urna velha caixa de correspondência amassada, cuja porta sustenta-se no lugar apenas por uma dobradiça enferrujada.

Dentro, protegidos em seu ninho de galhos secos, quatro pequeninos azulões aguardam impacientemente a refeição. A cautelosa mãe está empoleirada no galho de um arbusto retorcido que se sobressai do outro lado da abertura da caixa de correspondência.

Quando olhei pela primeira vez para o quadro, não gostei do que vi.

– Cinco dólares? – eu cochichei ao ouvido de minha amiga Grace. – Eu não daria nem 50 centavos por ele.

No entanto, havia alguma coisa que me intrigava naquela cena; fui levada a olhar para ela novamente.

Ao examinar o quadro mais de perto, notei que a mãe azulão havia escolhido o local do ninho com muito cuidado. Naquele local precário, seus filhotes estariam protegidos do Sol e da chuva, enquanto ela e seu companheiro procuravam comida. Aquela pequenina ave não estava preocupada com o que seus vizinhos poderiam pensar ou se seu ninho passaria pelo teste de controle de qualidade.

Eu não pude deixar de comparar sua maneira de administrar o lar com a minha. Tenho tentado durante anos encontrar o ponto de equilíbrio entre uma casa malcuidada e uma perfeição inatingível.

Depois de reformar nossa casa cerca de dez anos atrás, decidi conservá-la de modo a ter a aparência de um lugar perfeito, como essas casas que encontramos nas páginas de uma revista de decoração. Mas não foi o que aconteceu.

Nosso velho cão pastor alemão continuou a soltar tufos de pêlo branco que se amontoavam ao longo dos rodapés como flocos de neve levados pelo vento.

Depois, compramos um novo fogão à lenha, que proporcionava um ambiente agradável e aconchegante, mas, com o passar do tempo, ele deixou nosso lindo teto cheio de fuligem.

E as crianças... bem, continuaram sendo crianças!

Um dia, depois de ouvir meu estardalhaço e minhas reclamações sobre o estado de nossa casa, meu marido me perguntou:

– Afinal, o que você quer: uma casa ou um lar?

Eu detesto quando ele tem razão, principalmente se é sobre algo que eu já deveria saber de cor!

Suas palavras não me saíram da mente durante dias. Foi quando vi o quadro dos azulões. Acreditei que Deus estava sugerindo que eu modificasse minhas atitudes e minhas prioridades. Vencendo os últimos resquícios de

hesitação, paguei o preço e levei o quadro para casa. Depois de tirar o pó da moldura de madeira, pendurei-o onde eu poderia vê-lo diariamente e ser desafiada por sua mensagem tão simples: A casa não faz o lar.

Isso aconteceu anos atrás, e eu gostaria de dizer que aprendi a lição de uma vez por todas. Porém, de vez em quando, eu ainda me vejo lutando com as prioridades, quando se trata de escolher entre uma casa limpa e arrumada e as necessidades de minha família.

No sábado passado, Kerri, minha neta de dez anos, passou o dia em casa. Durante a manhã, enquanto eu limpava a casa e lavava roupas, ela passou o tempo lendo, desenhando cavalos e transformando nosso quarto extra em seu escritório particular.

Logo após o almoço, ela cansou de ficar sozinha. As crianças da casa ao lado haviam saído, o vovô estava trabalhando e chovia lá fora.

- V o vó, você quer jogar comigo? – perguntou Kerri.

Ansiosa por terminar minhas tarefas do dia, recusei seu convite. Eu precisava cuidar daquela pilha de roupas. Ao dirigir-me à lavanderia, passei pelo quadro dos azulões. Ele já fazia parte integrante da sala e eu quase não o notava mais, porém ele me chamou a atenção naquele sábado.

Quatro minúsculos pares de olhos pareciam fitar os meus, implorando para que eu reconsiderasse. Eu quase podia ouvir a pergunta de meu marido: "Afinal, o que você quer: uma casa ou um lar?"

De repente, me dei conta de que as roupas sempre necessitariam de minha atenção, mas um dia aquela garotinha pararia de me convidar para jogar com ela.

Quando a tarde chegou ao fim, eu havia perdido várias partidas do jogo para minha neta, e a roupa ainda estava na secadora, mas eu sabia que não poderia ter encontrado melhor maneira de usar meu tempo.

A felicidade chega quando entrelaçamos aquilo que gostaríamos de ter com aquilo que temos.

CLARE DELONG